

A Columna do Kina

REFLEXÕES

Reflections

Há pouco tempo, por força do destino, estive no Hospital Pequeno Príncipe* em Curitiba, por conta de minha sobrinha de nove meses, que se encontrava extremamente doente. Graças a ela, hoje sei muito sobre neuroblastoma e suas implicações. Existe algo particularmente doloroso quando as vítimas são crianças, algo que parece especialmente injusto quando se trunca uma vida que está por começar. Lá, me deparei com uma experiência enriquecedora, embora triste.

Não foi fácil, a princípio, me encontrar na imensa sala de espera, cercado por tanta dor e desespero. Foi como assistir a uma tragédia grega, em que o caos dramático faz emergir altos valores humanos, como compaixão e solidariedade. Crianças de todas as idades, algumas feias, outras bonitas, algumas extremamente enfermas, outras nem tanto, algumas – acho – sem futuro algum,** todas acompanhadas por suas mães, super-heróínas com olheiras, descabeladas e cansadas. É simplesmente impressionante a força de uma mãe, com seu olhar terno ao mirar um filho – não importa se é feio, bonito, enfermo ou sem futuro –, olhar de raios X, desconcertante, que acerta a alma. Por mais cansada que pareça, um simples movimento do filho desperta a prontidão na resposta, no gesto e no carinho.

Aos poucos, fui me acomodando naquele ambiente, e de espectador passei a fazer parte do espetáculo, interagindo com os atores (é impossível ficar passivo naquele lugar). Ajudar a segurar uma criança, buscar água, dividir um pacote de biscoito e, especialmente, ouvir histórias, é uma verdadeira terapia em grupo. Lá pelas tantas, acabei conhecendo várias enfermeiras, voluntários, agentes sociais e médicos. Ao vê-los em ação, observei a intimidade com o ofício, num perfeito equilíbrio entre técnica e carinho, força e paciência. São muitas as razões que explicam a eleição da pediatria nas áreas de saúde, desde a afinidade com crianças e o prazer de decifrar mistérios de um diagnóstico difícil – em criaturas que não conseguem comunicar seus sintomas e aflições, se não em berros e grunhidos – à contemplação de acompanhar o desenvolvimento de uma vida. É mais difícil compreender o motivo de optar, dentro da pediatria, pela oncologia pediátrica. É certo que os motivos antes assinalados permanecem, porém, permeados por histórias trágicas ao longo da vida profissional.

Talvez (quase) ninguém realmente escolha esse caminho, se não, a vida, entre circunstâncias e caprichos, traça seu

destino. O médico português Nuno Lobo, em seu maravilhoso livro *Sinto muito*,*** explica essas conjunturas. Ele descreve o encantamento de viver todos os dias perto de o que há de melhor nos seres humanos. Trata-se de uma reposta elaborada, refinada e nobre: a força manifestada pelos jovens pacientes e pelas famílias, ao enfrentar a crueldade de seu destino. Talvez nesse encantamento resida a força desses profissionais, que não se deixam enrijecer pela tragédia, e, ao invés de adotar uma visão distante e cínica, oferecem ajuda, mesmo quando nada mais parece possível.

Sei que até agora não escrevi nada sobre odontologia, nem vou escrever, pelo menos, nada sobre a odontologia técnica. Quis compartilhar essa experiência porque ali, *in situ*, pude refletir muito sobre minha conduta profissional. Talvez eu tenha estado muito tempo apaixonado pelas restaurações, o suficiente para não enxergar com clareza a pessoa atrás do dente, seus anseios, medos e reais necessidades. Acho que depois dessa experiência eu não seja um dentista melhor, mas, quiçá, minha paixão não esteja mais na beleza das restaurações, e sim no sorriso de meus pacientes. É necessário que a paixão pelo próximo, mais do que a razão, nos redima e nos transforme em verdadeiros agentes de saúde.

*O Hospital Pequeno Príncipe é uma entidade sem fins lucrativos e referência no atendimento de saúde infantil no Paraná, desde 1919. Para saber mais, visite <www.pequenoprincipe.org.br>.

** Fournier J-L. Aonde a gente vai, papai? Rio de Janeiro: Intrínseca; 2009.

*** Antunes NL. Lo siento mucho. Madrid: Aguilar; 2008.

P.S.: Minha sobrinha, após a remoção de um tumor supra-renal, se encontra totalmente livre da doença e sadia. Viva a vida.

Sidney Kina
Cirurgião-dentista, Maringá, Paraná
www.sidneykina.com.br

